

**“DICIONÁRIO DE TUPI ANTIGO”:
NOTA DE EDUARDO TUFFANI
A EDUARDO DE ALMEIDA NAVARRO**

Eduardo Tuffani (UFF, ABRAFIL)
etuffani@vm.uff.br

No seu último trabalho, *Dicionário de tupi antigo*, Eduardo Navarro escreveu uma “Breve história dos estudos de tupi antigo no Brasil: um triste balanço no século XX” (2013, p. xvii-xix). Por que “triste”? Foi a partir dos anos 30 que os estudos tupis passaram a ter mais seriedade e profundidade. Nessa “Breve história”, nem uma única menção a Batista Caetano de Almeida Nogueira, Rodolfo Garcia, Arthur Neiva, Rosário Farâni Mansur Guérios, Maria de Lourdes de Paula Martins, Jörn Philipson e Armando Cardoso. O verdadeiro estudioso deve ter serenidade para se posicionar e questionar os trabalhos dos outros, de ontem e de hoje, presentes e ausentes. Estou convencido de que todos temos a aprender uns com os outros, mas nem sempre isso é possível, como no caso de Navarro, de quem me afastei antes da publicação do *Método moderno de tupi antigo* (1998).

Maior indianista brasileiro do século XIX, grande especialista do guarani, Batista Caetano anotou *Do princípio e origem dos índios do Brasil* de Fernão Cardim e iniciou o trabalho de tradução de *O diálogo* de Jean de Léry e da obra poética de José de Anchieta. Historiador e indianista, hoje menos citado, Rodolfo Garcia anotou *História da missão dos padres capuchinhos...* de Claude d’Abbeville e *Do clima e terra do Brasil e Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica* de Fernão Cardim. Rodolfo Garcia sabia que o portuguêsismo para “cruz”, no tupi antigo, é *kurúsá*, *kurusu* é a forma para o guarani (D’ABBEVILLE, 1975 [1614], p. 248), o que Navarro levou anos a aprender (DIA, 4 fev. 2000, p. 1). *Kurusu* vem em obra de Antônio Lemos Barbosa (1956, p. 385), a única que conheço de tupi antigo segundo Navarro (2013, p. xix). Tanto Batista Caetano como Rodolfo Garcia tiveram seus trabalhos prejudicados pois não se beneficiaram do **anônimo** *Vocabulário na língua brasílica* (1952-1953 [1938]). Arthur Neiva afirmava não ser tupinólogo, mas foi um grande conhecedor de brasileirismos e tupinismos. Pelo que se lê em *Estudos da lingua nacional* (1940), podem-se questionar abonação, entrada e topônimos do *Dicionário de tupi antigo*: “*mbyryki-oka* – reduto de buriquis (Staden, *Viagem*, 55)” (2013, p. 358) e “*takura*” (*ibid.*, p.

459). A primeira, que se repete na “Relação de topônimos e antropônimos...” do *Dicionário*, é feita com base em um autor setecentista (“Bertioga”, *ibid.*, p. 547). Arthur Neiva escreveu o mais profundo estudo sobre a etimologia de “Bertioga”, “Considerações sobre o toponimo Bertioga e o insecto que lhe deu origem” (*op. cit.*, p. 112-141): *m(b)arigûioka* “paradeiro de maruins”, de *marigûi* + *oka*, “Beriguioca” > “Beriquioca” > “*Berquioca” > “*Bertioca” > “Bertioga” (*ibid.*, p. 116, 117, 120, 133, 139); *marigûi* também é proposto para “Birigui” e “Barigui” (*ibid.*, p. 117), aquele com etimologia a questionar (NAVARRO, 2013, p. 547). A respeito de “takura”, Arthur Neiva considera: “O vocabulo com que os indios designavam os gafanhotos e que aparece em Gabriel Soares escripto *tacura*, talvez erro de copia, existe em outros Estados sob o nome de *tucura*.” (*Op. cit.*, p. 254.)

Embora tenha escrito pouco sobre tupi antigo, Rosário Farâni Mansur Guérios, antigo professor de português da Universidade Federal do Paraná, interessava-se por línguas indígenas e, a respeito de tupi e guarani, não pode ser ignorado pois é de sua autoria “Novos rumos da tupinologia” (ago. 1935). Professor da então cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani da Universidade de São Paulo, Jörn Philipson também não escreveu muito, mas seu nome merece registro pois atuou de forma séria e dedicada, tendo reconhecido o mérito de Batista Caetano, levadas em conta as condições em que esse trabalhou.

Na “Breve história”, Navarro afirma: “Contudo, excetuando-se as obras e os artigos de Lemos Barbosa, da PUC do Rio de Janeiro, [de] Frederico Edelweiss, da Faculdade de Filosofia da [Universidade da] Bahia, e de Aryon Rodrigues, da Universidade [Estadual] de Campinas [e da Universidade de Brasília], quase nada podemos aproveitar do que escreveram os tupinistas do século XX sobre o tupi antigo.” (2013, p. xviii.) Se é o que pensa, por que o padre Armando Cardoso escreveu, acredito que a convite, uma apresentação para a primeira edição do *Método moderno* (1998, p. iv)? É certo que Armando Cardoso foi mais um tradutor, mas escreveu introduções, publicou textos inéditos de Anchieta *etc.* Se Navarro cita Plínio Ayrosa e Carlos Drumond por terem publicado textos tupis (2013, p. xviii-xix), por que não dá o mesmo tratamento a Armando Cardoso? Inexplicável é o fato de Navarro não mencionar Maria de Lourdes de Paula Martins. A antiga professora da USP, da mesma cadeira que Jörn Philipson, depois pesquisadora do Museu Paulista, escreveu resenhas, artigos, publicou e traduziu textos tupis. As suas edições de textos tupis são das mais cuidadas. Se Paula Martins e Armando Car-

doso cometeram erros em suas traduções, Navarro também deu provas disso, entre os casos mais graves: *Auto de São Lourenço* de Anchieta, 537, 555; *Carta de Diogo Pinheiro Camarão a Pedro Poti (passim)*. Esses foram quase todos corrigidos na terceira edição do *Método moderno* (2005).

Algo deve ser dito ao arrolar esses estudiosos, como cada um tem a sua importância, deve-se reconhecer que dois deles sobressaíram pela perspicácia no trato com o tupi antigo ou tupinambá: Frederico Edelweiss e Aryon Dall'Igna Rodrigues, este enveredou pela linguística, aquele se dedicou a um trabalho de cunho filológico. Isso não significa que estivesse um ou esteja o outro isentos do erro e da correção. Para tanto, basta ler e acompanhar as trajetórias desses dois tupinólogos. Talvez isso tenha sido difícil para Frederico Edelweiss, pois ele não era comedido nas suas palavras. No caso de Aryon Rodrigues, como linguista que é, todas as línguas indígenas têm a sua importância, como de fato é a verdade. A pesquisa de outras línguas da família tupi-guarani pode beneficiar o estudo do tupi antigo. O náuatle, o quéchua, o guarani e o tupi antigo se destacam pois tiveram grande importância na América colonial e pré-colombiana. Dessas quatro línguas, o tupi antigo foi a menos estudada no período colonial, época de sua documentação, o que teve consequência quando se buscou retomar o seu estudo. Apesar da indiscutível importância do tupi antigo, não é adequado chamá-lo de língua clássica. Se fosse língua clássica, não teríamos na cultura brasileira “inúbia”, “Moa-cir”, “piaga”, “Pindorama” etc. Lemos Barbosa foi o terceiro grande especialista do tupi antigo, tendo deixado uma obra que, mesmo sendo uma fonte secundária, tornou-se uma referência nos estudos tupis, ainda que envelhecida e desprovida de análise linguística moderna. Escrevo sobre Aryon Rodrigues em razão de sua relevância para o estudo do tupi antigo. Quanto aos demais, citados ou não por Navarro, como não sei o que vão fazer, se é que o farão, se é que vale a pena, restrinjo-me a Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (NAVARRO, 2013, p. xix). Esta professora pertenceu à área de Línguas Indígenas do Brasil da USP, mas tinha ao seu cargo disciplinas de toponímia, tendo-se dedicado a isso ao longo de sua carreira. Se assumiu disciplinas de tupi antigo, houve razão de força maior, pois não era o seu campo de atuação e pesquisa.

A respeito de minha pessoa, Eduardo Tuffani, Navarro reitera que o que sei de tupi antigo se limita ao *Curso de tupi antigo* de Lemos Barbosa e que não tenho capacidade para lidar com fontes primárias (*ibid.*, p. xix). Como pode fazer tal afirmação se não tem contato comigo desde

pelo menos 1998? Eu achava prematura a publicação do *Método moderno* na época, o fato, porém, é que o livro foi a prelo, tornou-se uma realidade. Interessado que sou pela língua, li o livro várias vezes nas suas duas versões impressas (1998; 2005). Fiz isso pois se é por essa obra que também se passou a *aprender* a língua não podia deixar de conhecê-la com profundidade. Será que não aprendi nada com essas várias releituras? Como eu previa, a obra teve de ser refundida, tantas foram as correções e alterações. Quando ministrei cursos de extensão de tupi antigo na Universidade Estadual Paulista (1992-1993), usei o *Curso* de Lemos Barbosa, corrigido com uma *errata* feita por esse autor (1970, p. 224-228). Como professor concursado para a área de Línguas Indígenas do Brasil, Navarro elaborou uma apostila com base no *Curso de tupi antigo*, mas não fazendo uso daquela *errata* de Lemos Barbosa, o que se evidencia até na primeira edição do *Método moderno*, em que falha por não usar a *errata* (1998, p. 511) e até por reproduzir lapsos de Lemos Barbosa (1998, p. 334, 571). Nos meus cursos de extensão de tupi antigo, traduzi com meus alunos, no fim de cada período, alguns dos *Poemas brasílicos* de Cristóvão Valente, valendo lembrar que não havia ainda tradução a contento dos *Poemas* de Valente. Não vou arrolar aqui o que li sobre tupi antigo, dei esses dois depoimentos, porém, porque dizem respeito a atividades públicas. O que deve ser dito é que cheguei a corrigir a apostila de Navarro, amparado eu no *Vocabulário na língua brasílica*.

Penso que já escrevi muito sobre falhas em obras de Navarro. Na crítica que fiz à sua tese de livre-docência, primeira versão disponível do *Dicionário de tupi antigo* (TUFFANI, jan./abr. 2012, p. 146), cometo uma falha grave, na verdade um erro “bobo”, pois *oypyra* vem na *Arte de Anchieta* (1990 [1595], p. 44 v), como respondi a Navarro em 21 de setembro de 2013, antes do lançamento do *Dicionário de tupi antigo*, pois fui obrigado a lhe escrever diante de mensagem impositiva. Navarro procurou me desqualificar por causa desse erro de forma rude e grosseira com “Comentários à recensão crítica do Prof. Eduardo Tuffani” (maio/ago. 2012). Posso afirmar que quase tudo o que escrevi procede e que a defesa de Navarro praticamente não tem sustentação. Eu fiz uma amostragem dos erros de conteúdo, tendo mostrado também falhas de outra natureza. Acerca de *ypyra*, não vou escrever, porque, no *Dicionário de tupi antigo*, há como chegar a essa termo. Em mensagem encaminhada a mim, tendo exigido que eu retirasse da Internet as notas anteriores, foi o que eu entendi do seu raciocínio, algo que eu poderia até fazer depois desta última, Navarro escreveu: “Os defeitos que o senhor apontou em meu dicionário eu já os corrigi. Sendo meu inimigo, o senhor me aju-

dou mais que um amigo...” (17 de setembro de 2013.) Não é isso que Navarro afirma nos seus “Comentários” (maio/ago. 2012, p. 160), em que sou tratado como tolo, ignorante, mentiroso *etc.* A minha forma de escrever também é criticada (*ibid.*, p. 172). Navarro pensa ter estilo e, de fato, tem, pedante, pernóstico e, por vezes, incorreto. Não sou seu amigo nem inimigo. Fiquei indignado ao ler partes de sua tese, tendo-me lembrado dos que o precederam. Como pode alguém, durante longos anos, ensinar que o radical de vermelho é *pyrang*, dos seus erros o menos defensável (2005, p. 41)? O *Dicionário de tupi antigo* ainda carece de revisão cuidadosa pois há falhas, lacunas e erros de transcrição. Para ser um dicionário da língua indígena, é preciso eliminar os tupinismos, pois têm amparo em fontes subsidiárias, são palavras de origem tupi no português e até em outra língua. Os antropônimos também ajudam a dar corpo à obra (“quase oito mil palavras-entradas”, 2013, p. xii), mas é inadmissível que haja verbete para entidade mitológica de questionável criação colonial como se fosse da cultura dos antigos tupis ou tupinambás. Aproveitando o tratamento da cultura indígena, uma boa leitura é o artigo “O mito do ‘mito da terra sem mal’” de Cristina Pompa (1998). Pretendo continuar a ler sobre tupi antigo, mas não vou tomar conhecimento se o *Método moderno* e o *Dicionário de tupi antigo* tiverem outras edições. Depois de vinte anos de magistério, professor titular, o coroamento da carreira é ensinar que *potigûara* significa “comedor de camarão”? (NAVARRO, 2013, p. 405.) Com efeito, é preciso conhecer as fontes para o estudo do tupi antigo: “[Anthony] Knivet inicia a sua descrição sistemática dos selvagens, que pessoalmente conheceu, pelos Potiguara (*Petivares* no texto). Os Potiguara usam tatuagens no corpo e pedras verdes nos lábios; quando viajam pelo sertão, mastigam tabaco [*petyguára*].” (*Apud* PINTO, 1958, p. 251.) Para a etimologia discutível desse etnônimo, as fontes mais antigas apontam para “mascadores de fumo”. Os estudos brasileiros trazem consigo problemas. Apesar do muito que se fez no século XX, os estudos tupis talvez sejam o caso mais evidente. Embora carregue na tinta de forma parcial e até desinformada, alguma razão Luiz de Castro Faria tem ao criticar a tupinologia em “Egon Schaden (1913-1991)” (1991, p. 244-246). Tenho vontade, às vezes, de retomar o grego, língua *clássica*, pois sei que teria outras referências, para citar só da escola francesa, Anatole Bailly (dicionarista), Pierre Chantraine (etimologista), ou de me dedicar ao guarani antigo, ao guarani paraguaio ou ao tupi moderno da segunda metade do século XIX ou das primeiras décadas do século XX, período documentado da língua geral que me interessa particularmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

D'ABBEVILLE, Claude. *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. Tradução de Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, Universidade de São Paulo, 1975 [1614].

ANCHIETA, Joseph de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Edição fac-similar. São Paulo: Loyola, 1990 [1595].

BARBOSA, A. Lemos. *Curso de tupi antigo: gramática, exercícios, textos*. Rio: São José, 1956.

_____. *Pequeno vocabulário português-tupi*. Rio de Janeiro: São José, 1970.

DIA de índio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, B, 4 fev. 2000, p. 1.

FARIA, Luiz de Castro. Egon Schaden (1913-1991). *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p. 241-255, 1991.

[GUÉRIOS], Rosário Farâni Mansur. Novos rumos da tupinologia. *Revista do Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 172-185, ago. 1935.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. Petrópolis: Vozes, 1998 [3. ed. rev. aperf. São Paulo: Global, 2005].

_____. Comentários à recensão crítica do Prof. Eduardo Tuffani. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, ano 18, n. 53, p. 159-173, maio/ago. 2012.

_____. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013.

NEIVA, Arthur. *Estudos da língua nacional*. São Paulo: Nacional, 1940.

PINTO, Estêvão. *Muxarabis & balcões e outros ensaios*. São Paulo: Nacional, 1958.

POMPA, Cristina. O mito do 'mito da terra sem mal'. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, v. 29, n. 1/2, p. 44-72, 1998.

TUFFANI, Eduardo. Uma tese de tupi antigo I. *Revista Philologus*, Rio

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de Janeiro, *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*, ano 18, n. 52, p. 134-162, jan./abr. 2012.

VOCABULÁRIO na língua brasílica. 2. ed. rev. e confrontada com o ms. fg., 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa por Carlos Drumond. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1952-1953 [1938], 2 v.